

Aspectos práticos dos grupos focais e seu uso nas pesquisas sobre Ensino de Ciências

Practical aspects of focus group and its uses in the Science Education research

Nadja Kelly Andrade Barros, UFS, nadja.kelly.barros@gmail.com

Monica Santos Oliveira, UFS, monica.santos.oliveira@uol.com.br

Marcio Andrei Guimarães, UFS, marcioandrei@ufs.br

Washington Luiz Pacheco de Carvalho, Unesp, washcar@dfq.feis.unesp.br

Daniela Santos Machado, UFS, danielamachado.bio@gmail.com

Wildio Ikaró da Graça Santos, UFS, wildio.ikaro@gmail.com

Maria Thamires J da C Almeida, UFS, thamiresjc.ufs@gmail.com

Resumo

Neste trabalho apresentamos o grupo focal como metodologia de constituição de dados nas pesquisas sobre ensino de ciências. De maneira geral o grupo focal é um tipo de entrevista coletiva na qual um moderador apresenta para os participantes do grupo um tema que será o foco da discussão. O grupo apresenta diversas vantagens e limitações que devem ser levadas em conta pelos pesquisadores. Nas pesquisas sobre ensino de ciências o uso do grupo focal ainda é incipiente, mas mesmo assim alguns trabalhos vem utilizando essa metodologia com sucesso. De maneira geral o grupo focal é indicado para pesquisas nas quais das interações entre os participantes emergem os dados.

Palavras chave: Grupo focal, ensino de ciências, metodologia de pesquisa.

Abstract

In this article, we present the focus group as a methodology for data gathering in science education research. The focus group is a kind of collective interview in which the moderator presents the participants a theme for discussion. The focus group methodology has several advantages and limitations that must be taken into account by science education researchers. In many researches carried out in science education, the use of focus group is incipient, nevertheless some works has been produced using this methodology successfully. The focus group is indicated to researches in which the interaction among participants is the source of data.

Key words: Focus Groups. Science Teaching, Research Methodology

Introdução: o que é o grupo focal?

O grupo focal é um tipo de entrevista coletiva na qual os participantes discutem sobre um tema específico (o foco da discussão) pré-determinado por um moderador. Nos grupos focais os dados surgem pela interação com entre os participantes (MORGAN, 1996) e, portanto, é indicado para pesquisas nas quais essa característica seja desejável como, por exemplo, nas pesquisas que têm como objetivo estudar as habilidades argumentativas de estudantes frente a uma questão sociocientífica.

Podemos definir um grupo focal como sendo basicamente: 1) uma metodologia usada exclusivamente para a constituição de dados para a pesquisa; 2) a interação entre os participantes da pesquisa é a fonte dos dados; 3) o moderador tem um papel ativo na condução do grupo focal de forma que a discussão ocorra dentro do tema objetivo da pesquisa. (MCLAFERTY, 2004). Essas características diferem o grupo focal de outros tipos de entrevista coletiva (WILKINSON, 1998)

O desenvolvimento do grupo focal é atribuído a Robert K. Merton (MERTON; KENDALL, 1946) que usou essa estratégia em pesquisa em pesquisa sobre propagandas de guerra. Da pesquisa em marketing o uso do grupo focal se tornou popular em enfermagem, sociologia e, nos últimos anos, vem se tornando popular também nas pesquisas em educação (MORGAN, 1996)

Apesar desses pontos em comum, há muitas variações na utilização do grupo focal e muitas delas estão ligadas ao delineamento da pesquisa, como discutiremos adiante.

A seleção dos participantes

Diferentemente de muitas metodologias usadas em pesquisa qualitativa, no grupo focal os participantes devem ser escolhidos de acordo com algum critério pré-estabelecido (amostragem proposital) para atender as peculiaridades do tema em discussão (VAUGH; SCHUMM; SINAGUB, 1996). Em geral, esses critérios de seleção têm uma forte correspondência com os objetivos da pesquisa. O uso da amostragem proposital no grupo focal visa garantir o entendimento de um fenômeno em profundidade e não garantir a generalização dos resultados como é comum em metodologias nas quais as amostras são aleatórias e obedecem certos critérios demográficos. Mesmo assim algumas amostras aleatórias podem ser obtidas de grupos estratificados. Por exemplo, Osborne e Collins (2001) utilizaram uma amostra de estudantes de 16 anos de ambos os sexos de escolhas de Birmingham, Leeds e Londres, na Inglaterra. Os pesquisadores realizaram 20 grupos focais com 144 estudantes e buscaram verificar as visões que eles tinham sobre o currículo de ciências, seus interesses e os aspectos do currículo de ciências que os eles valorizavam.

De maneira geral, na literatura especializadas são encontradas algumas recomendações para a seleção dos participantes do grupo focal:

Grupos homogêneos x grupos heterogêneos: grupos homogêneos são aqueles constituídos levando-se em conta características comuns aos membros, como sexo, nível socioeconômico, idade, formação acadêmica, profissão, entre outras. A formação de grupos homogêneos (segmentação) facilitaria a discussão uma vez que os participantes teriam muitas semelhanças entre si (MORGAN, 1996; VAUGH; SCHUMM; SINAGUB, 1996). Uma desvantagem da segmentação seria o aumento do número de grupos focais a serem realizados para contemplar o maior número possível de segmentos. De maneira geral, aqueles que rejeitam a segmentação o fazem de maneira pragmática considerando as limitações de tempo e recursos

para o desenvolvimento da pesquisa (MCLAFFERTY, 2004). O uso de grupos heterogêneos também é muito comum quando a pesquisa tem um caráter exploratório (VAUGHN; SCHUMM; SINAGUB, 1996).

A questão do gênero: a composição do grupo por gênero depende dos objetivos da pesquisa já que há diferenças de estilos de interações em grupos exclusivamente femininos, exclusivamente masculinos, ou mistos. Folch-Lyon e Trost (1981), por exemplo, realizaram uma pesquisa sobre planejamento familiar no México e conduziram 44 grupos focais homogêneos levando-se em conta a idade, o sexo, o uso de contraceptivo, o estado civil, entre outras características.

A questão da idade: a idade influencia a interação entre os participantes do grupo focal e a distribuição das idades dos participantes deve ser compatível com os objetivos da pesquisa. De maneira geral, a liderança dentro de um grupo aumenta com a idade, a conformidade com as opiniões diminui após adolescência e as interrupções durante as discussões diminuem conforme aumenta a idade média dos participantes do grupo (VAUGHN; SCHUMM; SINAGUB, 1996).

O problema dos experts: nos grupos focais os experts no assunto a ser foco da discussão devem ser evitados, pois podem intimidar os outros participantes do grupo. Da mesma forma, deve ser considerado se os participantes que têm alguma experiência com o tópico em discussão não poderiam assumir uma posição de autoridade dentro do grupo (FOLCH-LYON; TROST, 1981; VAUGHN; SCHUMM; SINAGUB, 1996).

Estranhos ou não?: uma importante questão que deve ser levada em conta na seleção dos participantes é se eles devem ser estranhos uns para os outros ou não. As pessoas tendem a ser mais verdadeiras e livres para discordar se elas estiverem entre desconhecidos. Entretanto a aceitação entre os participantes do grupo (compatibilidade) pode ser maior em um grupo de pessoas que se conhecem (VAUGHN; SCHUMM; SINAGUB, 1996). Em nossa recente experiência, na qual realizamos 36 grupos focais com o intuito de estudar a argumentação de licenciandos de Biologia, Física e Química em relação a questões sociocientíficas, não observamos diferenças significativas entre grupos nos quais os participantes eram conhecidos ou desconhecidos.

A constituição dos dados

Número de grupos focais: o número de grupos focais depende dos objetivos da pesquisa. Em geral os grupos focais devem ser realizados até que o moderador possa prever as respostas dos participantes e não surja nenhuma informação nova, ou seja, até que seja alcançada a saturação de respostas. Entretanto, não há um número exato ou uma regra que determine o número ideal de grupos focais a serem realizados e mesmo a realização de um único grupo focal pode ser suficiente (STEWART; SHAMDASANI; ROOK, 2006). O número de grupos focais realizados nas pesquisas publicadas tem variado entre um e 52 (MORGAN, 1996).

Tamanho do grupo: Em geral assume-se que um grupo focal deva ter entre seis e doze pessoas. Um número menor que seis pessoas seria insuficiente para estimular o diálogo e um número maior que doze pessoas não permitiria que todos os participantes manifestassem seus pontos de vista e o moderador poderia perder o controle da discussão (VAUGHN; SCHUMM; SINAGUB, 1996). Um número ideal estaria entre oito e dez pessoas. Grupos pequenos são mais interessantes para tópicos que possam causar algum envolvimento emocional enquanto grupos maiores são interessantes para tópicos neutros, com baixo nível de envolvimento dos participantes (MORGAN, 1996).

O papel do moderador: o moderador do grupo focal tem por função criar um clima favorável que estimule todos os participantes a discutir o tema focado e a compartilhar suas opiniões. São funções do moderador facilitar a interação entre os participantes, inserir comentários e questões durante a discussão sem interferir de forma brusca na discussão (MCLAFFERTY, 2004). O moderador deve também assegurar que o diálogo ocorra entre os membros do grupo e não entre ele e os membros do grupo (SIM, 1997).

O guia do moderador: o guia do moderador ou guia de entrevista contém instruções para a condução do grupo focal e algumas questões que nortearão a condução do grupo. As questões devem ser específicas o suficiente para guiar o moderador, mas gerais o suficiente para permitir que os participantes do grupo possam expressar uma ampla gama de opiniões (VAUGHN; SCHUMM; SINAGUB, 1996). Como está implícito no próprio nome, o guia de entrevista dá direções para a condução do grupo focal e não precisa ser seguido de forma rígida.

Registro dos dados: de forma geral, é recomendado que os dados sejam gravados para posterior transcrição. Entretanto pode haver situações em que a gravação da entrevista não seja possível como, por exemplo, em situações em que os participantes não aceitem a gravação de suas falas (SIM, 1998). É recomendado que a tomada de nota seja feita mesmo que as falas estejam sendo gravadas, pois dessa forma, podem ser destacados aspectos não verbais da interação entre os participantes (BERTRAND; BROWN; WARD, 1992). A tomada de notas pode ser feita por outra pessoa que não o moderador da pesquisa.

Análise de dados

Muitos trabalhos sobre grupo focal omitem a fase de análise dos dados e isso, possivelmente, se deve ao fato de que a perspectiva de análise é uma prerrogativa do pesquisador de acordo com as questões que queira investigar (BERTRAND; BROWN; WARD, 1992). De forma geral a análise de conteúdo é a perspectiva qualitativa mais utilizada (STEWART; SHAMDASANI; ROOK, 2006) com suporte de softwares de análise como o Ethnograph® e o NVivo®.

O uso de programas para análise de dados qualitativos

De forma geral a quantidade de dados obtidos a partir de um grupo focal é muito extensa. Dessa forma, tanto a transcrição como a análise dos dados consome muito tempo. Para agilizar a organização e análise dos dados existem vários softwares.

Diferentemente dos softwares de análise quantitativa que realmente fazem o processamento dos dados para posterior análise os softwares de análise qualitativa auxiliam na redução e organização dos dados (BERTRAND; BROWN; WARD, 1992; VAUGHN; SCHUMM; SINAGUB, 1996), mas o processamento e análise dos dados são incumbências do pesquisador. Softwares como o NVivo® também auxiliam na organização de categorias e cruzamento de informações.

Vantagens e limitações no uso do grupo focal

Nos últimos anos o uso de grupos focais como metodologia de coleta de dados tem aumentado em várias áreas de pesquisa (SIM, 1998). Um dos possíveis motivos para isso pode ser a facilidade na obtenção dos dados. Entretanto, como em qualquer outra metodologia

de pesquisa, existem vantagens e limitações no uso do grupo focal.

Uma das principais vantagens, como já mencionado, é a brevidade na coleta de dados a partir de um grande número de pessoas, com baixo custo. A possibilidade de interação entre o pesquisador e os participantes da pesquisa também é uma vantagem a partir do momento em que vários pontos em discussão podem ser clarificados de forma imediata. O uso de perguntas abertas possibilita uma ampla gama de respostas que podem revelar os diferentes significados atribuídos pelos sujeitos da pesquisa ao tema focado. O grupo focal permite que os participantes da pesquisa se manifestem em relação às respostas dos outros membros do grupo e as usem para construir sua argumentação (MORGAN, 1996; STEWART; SHAMDASANI; ROOK, 2006).

Entre as limitações no uso de grupos focais podemos citar os efeitos negativos que podem advir da interação entre os participantes e entre eles e o moderador e a possibilidade de que os resultados do grupo possam ser influenciados por um membro dominante do grupo. Além disso o caráter muito aberto das questões pode dificultar a análise dos dados obtidos. Outro ponto importante, também presente nas entrevistas individuais, é que o moderador pode sinalizar, involuntariamente, o tipo de resposta que deseja obter (STEWART; SHAMDASANI; ROOK, 2006).

O uso de grupos focais nas pesquisas em ensino de ciências

O objetivo desta seção é apresentar alguns trabalhos que utilizaram grupos focais e destacar alguns pontos abordados nas seções anteriores. Como ainda são poucos os trabalhos em ensino de ciências usando grupos focais, apresentamos também outras pesquisas com conteúdo científico que utilizaram essa metodologia para constituição de dados.

Kotchetkova e colaboradores (2008) realizaram uma pesquisa para verificar o nível de engajamento do público em relação às pesquisas com células-tronco. Para isso realizaram 7 grupos focais nos quais foram discutidas as possibilidades de terapia para o diabetes tipo I e, entre essas terapias, foi aventada a utilização de células-tronco embrionárias humanas. Os resultados mostraram que os participantes não eram contra as pesquisas com células-tronco embrionárias, mas eram capazes de levantar importantes críticas durante a discussão e declararam que sua posição em relação ao tema poderia mudar, já que não estavam muito seguros a respeito dela. Outro resultado apontado na pesquisa é que um maior conhecimento do tema não leva, necessariamente, à aceitação das pesquisas e nem torna as pessoas mais confiantes em relação às suas posições.

Apesar de terem usado o questionário como a principal estratégia de coleta de dados, Chen e Raffan (1999) também utilizaram grupos focais para entender a atitude de estudantes entre 17 e 18 anos em relação à biotecnologia. No grupo focal os estudantes foram estimulados a discutir três questões: 1) Quais as suas visões sobre o uso do HIV em terapia genética? 2) Quais as suas visões sobre xenotransplante? 3) Quais as suas visões sobre o uso de animais e plantas em engenharia genética? De forma geral, os estudantes mostraram pouco entendimento de biotecnologia e foram contrários ao uso de animais na engenharia genética, mas favoráveis ao uso de plantas. O uso do HIV em terapia genética foi considerado aceitável pela maioria, já que entenderam que qualquer terapia poderia oferecer riscos. Cerca de metade dos estudantes considerou o xenotransplante de forma positiva, sendo que a aceitação chegou a 69% entre os estudantes de sexo masculino.

Mutonyi, Nielsen e Nashon (2007) realizaram uma pesquisa em Uganda para desvelar os conhecimentos prévios dos estudantes sobre o HIV/AIDS e como esse conhecimento poderia

ser usado para desenvolver um entendimento científico do assunto. Para isso realizaram dezesseis grupos focais que tinham entre 8 e 12 estudantes cada. Todos os estudantes pertenciam ao mesmo nível escolar, mas em relação ao sexo houve grupos homogêneos e heterogêneos. A escolha do grupo focal se deu em vista de ele ser uma ferramenta que propicia um ambiente que permite a livre expressão de opiniões e a discussão. No trabalho os pesquisadores mostram que o conhecimento dos estudantes sobre o HIV/AIDS não tem base científica, mas é construído a partir da interação entre pares, a partir de informações fornecidas pela mídia e pelo ambiente sociocultural. A discussão em grupo foi essencial para um melhor entendimento da ciência relacionada ao HIV/AIDS.

Em um estudo que buscava entender como os resultados das pesquisas em ensino de ciências influenciavam a prática em sala de aula, Ratcliffe e colegas (2005) focaram as seguintes questões: 1) em que extensão os professores reconhecem e utilizam os achados das pesquisas em educação em sua prática normal e; 2) quais fatores estimulam ou inibem o impacto das pesquisas na prática docente. Para responder a essas perguntas os pesquisadores realizaram entrevistas individuais e seis grupos focais contendo de seis a oito participantes cada. Três grupos focais eram de professores primários e três eram de professores secundários. Apesar dos pesquisadores sugerirem a importância da pesquisa educacional nas práticas e políticas públicas, poucos participantes da pesquisa tiveram a percepção de que a pesquisa poderia fornecer evidências para a ação em situações de ensino específicas. Entretanto, os professores com alguma experiência em pesquisa conseguiram olhar para a prática profissional com as lentes das evidências fornecidas pelas pesquisas. Os pesquisadores também notaram que para que os resultados das pesquisas fossem considerados convincentes pelos professores eles deveriam ser transferíveis para o contexto real de aula (com matérias de ensino resultantes da pesquisa, por exemplo), ter ressonância com as experiências e crenças dos professores e ser baseado em uma metodologia rigorosa.

Beckwith, Hadlock e Suffron (2003) realizaram grupos focais com pesquisadores em biotecnologia vegetal, fazendeiros ou pessoas ligadas ao trabalho agrícola, membros de grupos ambientais, estudantes de graduação e graduados em ciências ambientais. Os grupos focais eram mistos em relação ao sexo. O objetivo da pesquisa era entender quais fatores influenciavam a maneira como a biotecnologia era vista pelos grupos estudados e o que esses fatores revelariam sobre as condições necessárias para um debate público sobre o assunto. De maneira geral os participantes apontaram que a biotecnologia poderia trazer benefícios para a humanidade, principalmente nas áreas ligadas à produção de alimentos sem, contudo, problematizar o assunto. Mesmo assim, alguns problemas advindos do uso das biotecnologias foram destacados como, por exemplo, a incerteza dos efeitos da liberação de organismos geneticamente modificados no meio ambiente. Na pesquisa, as visões de mundo, os valores e a ética tiveram influência fundamental na forma como os participantes percebiam a biotecnologia. Os pesquisadores concluem o trabalho afirmando ser necessário informar a opinião pública sobre a biotecnologia, não só em relação à ciência envolvida, mas também em relação aos aspectos sociais, econômicos e éticos.

Osborne e Collins (2001) realizaram uma pesquisa cujo objetivo era documentar as visões que os estudantes tinham sobre o currículo escolar de ciências. Para isso realizaram vinte grupos focais com 144 estudantes de dezesseis anos de idade. Os grupos focais foram divididos por gênero e pelo interesse/desinteresse em ingressar em uma carreira científica. Os autores destacaram que o grupo focal não vem sendo muito usado em pesquisas em ensino de ciências e justificaram a sua escolha por ele permitir uma rápida obtenção de dados e também por permitir explorar as questões de maneira dinâmica utilizando a interação para desafiar e por a prova as visões e opiniões debatidas, como em um contexto social natural. Durante as discussões os estudantes mostraram visões positivas e negativas em relação ao ensino de

ciências. Os estudantes participantes do grupo focal viam o conhecimento científico como sendo uma parte importante de sua formação declarando que a ciência está ao nosso redor e permite entender o mundo. Também foi dado grande destaque ao valor da ciência para a sociedade, ilustrado com exemplos instrumentais, o que mostrou uma confusão entre ciência e tecnologia. Entre os aspectos desinteressantes da educação científica os estudantes apontaram o grau de dificuldade dos assuntos abordados, o excesso de conteúdos, a repetição de atividades durante as aulas, a falta de discussão e a fragmentação dos conteúdos. Entre os pontos interessantes foram destacados os trabalhos práticos, a presença de atividades desafiadoras e estimulantes e a presença de bons professores. Os pesquisadores concluíram o trabalho afirmando que esses dados poderiam ser levados em conta na elaboração de currículos de ciências.

Stone e Waszak (1992) realizaram um estudo que visava identificar e entender as atitudes dos adolescentes em relação ao aborto. Para isso realizaram onze grupos focais com adolescentes entre treze e dezenove anos de idade. Desses grupos focais nove eram heterogêneos em relação ao gênero, um era masculino e outro feminino. Os pesquisadores verificaram, que havia homogeneidade nas visões dos adolescentes e identificaram quatro temas fundamentais: 1) a rejeição ao aborto contrabalanceado com o apoio ao direito de escolha da mulher; 2) os adolescentes eram contrários ao envolvimento dos pais em casos de aborto dos filhos e contrários às leis que exigissem isso; 3) os adolescentes não tinham conhecimentos sobre as leis relacionadas ao aborto e mostravam evidências equivocadas a respeito de ser o aborto um procedimento médico perigoso ou causar danos emocionais e ser amplamente ilegal; 4) visões anti-aborto, moralidade conservadora e religião foram as principais fontes de atitudes dos adolescentes em relação ao aborto. Entre as conclusões dos pesquisadores está a de que o aborto deveria ser abordado no currículo escolar em aulas de orientação sexual ou em disciplinas com conteúdos de saúde.

Considerações finais

O grupo focal é uma metodologia relevante de coletas de dados nas pesquisas em ensino de ciências na medida em que permite a constituição de uma grande quantidade de dados em um pequeno espaço de tempo. Além disso, os grupos focais são especialmente indicados para pesquisas nas quais a interação entre os participantes é importante como, por exemplo, em pesquisas que visam estudar os argumentos das pessoas em relação a questões sociocientíficas como o uso de agrotóxicos ou pesquisas com organismos geneticamente modificados. Nesse caso, a discussão que ocorre no grupo focal poderia ser comparada com discussões reais em contextos de sala de aula.

Diante disso, apesar de sua pouca utilização nas pesquisas sobre ensino de ciências, consideramos o grupo focal uma importante estratégia de coleta de dados, mas cujas limitações devem ser levadas em conta pelo pesquisador. Outro ponto a favor dos grupos focais é a liberdade que eles permitem na escolha da metodologia de análise dos dados, sendo as mais comuns a análise do discurso, análise de conteúdo e análise argumentativa.

Referências

BECKWITH, J. A.; HADLOCK, T.; SUFFRON, H. Public perceptions of plant biotechnology - a focus group study. **New Genetics and Society**, Oxford, v. 22, n. 2, p. 93-109. 2003.

BERTRAND, J. T.; BROWN, J. E.; WARD, V. M. Techniques for analyzing focus group

- data. **Evaluation Review**, California, v. 16, n. 2, p. 198-209. 1992.
- CHEN, S. Y.; RAFFAN, J. Biotechnology: student's knowledge and attitudes in the UK and Taiwan. **Journal of Biological Education**, London, v. 34, n. 1. p. 17-23. 1999.
- FOLCH-LYON, E.; TROST, J. F. Conducting focus group sessions. **Studies in Family Planning**, New York, v. 12, n. 12, p. 443-449. 1981.
- KOTCHETKOVA, I.; EVANS, R.; LANGER, S. Articulating contextualized knowledge: focus groups and/as public participation? **Science as Culture**, Oxford, v. 17, n. 1, p. 71-84. 2008.
- MCLAFFERTY, I. Focus group interview as a data collecting strategy. **Journal of Advanced Nursing**, New Jersey, v. 48, n. 2. p. 187-194. 2004.
- MERTON, R. K.; KENDAL, P. L. The focused interview. **The American Journal of Sociology**, Chicago, v. 51, n. 6, p. 541-557. 1946.
- MORGAN, D. L. Focus groups. **Annual Review of Sociology**, California, v. 22, p. 129-152. 1996.
- MUTONYI, H.; NIELSEN, W.; NASHON, S. Building scientific literacy in HIV/AIDS education: a case study of Uganda. **International Journal of Science Education**, Oxford, v. 29, n. 11, p. 1362-1385. 2007.
- OSBORNE, J.; COLLINS, S. Pupils' views of the role and value of the science curriculum: a focus-group study. **International Journal of Science Education**, Oxford, v. 23, n. 5, p. 441-467. 2001.
- RATCLIFFE, M.; BARTHOLOMEW, H.; HAMES, V.; HIND, A.; MILLAR, R.; OSBORNE, J. Evidence-based practices in science education: the researcher-user interface. **Research Papers in Education**, v. 20, n. 2, p. 169-186. 2005.
- SIM, J. Collecting and analyzing qualitative data: issues raised by focus group. **Journal of Advanced Nursing**, New Jersey, v. 28, n.2, p. 345-352. 1997.
- STEWART, D. W.; SHAMDASANI, P. N.; ROOK, D. W. **Focus Groups: Theory and practice**. California: Sage Publications. 2006. 232 p.
- STONE, R.; WASZAK, C. Adolescent knowledge and attitudes about abortion. **Family Planning Perspectives**, New York, v. 24, n. 2, p. 52-57. 1992.
- VAUGHN, S.; SCHUMM, J. S.; SINAGUB, J. **Focus group interviews in education and psychology**. California: Sage Publications. 1996. 174 p.
- WILKINSON, S. Focus group methodology: a review. **International Journal of Social Research Methodology**, New York, v. 1, n. 3, p. 181-203. 1998.